COMUNIDADES PAULINAS – 1ª PARTE

Tessalônica e Corinto

INTRODUÇÃO

A expansão do cristianismo para além dos limites da Palestina constitui um dos acontecimentos mais significativos da história da salvação narrada no Novo Testamento. Após a ressurreição de Cristo e o dom do Espírito Santo em Pentecostes (cf. At 2,1-13), o Evangelho começou a percorrer os caminhos do Império Romano, alcançando cidades cada vez mais distantes de Jerusalém. Nesse processo missionário, destaca-se de modo especial a figura do Apóstolo Paulo, chamado pelo próprio Senhor para levar o Evangelho aos gentios (cf. At 9,15; Gl 1,15-16).

As comunidades fundadas por Paulo surgiram em alguns dos mais importantes centros urbanos do mundo antigo. Eram cidades marcadas pelo intenso comércio, pela diversidade cultural, pela pluralidade religiosa e pelas profundas diferenças sociais. Nessas realidades complexas, o Evangelho encontrou acolhida, gerou comunidades vivas e produziu novas formas de convivência fundamentadas na fé em Cristo.

Entre as numerosas igrejas fundadas pelo Apóstolo, destacam-se as comunidades de Tessalônica e Corinto. Ambas nasceram durante as viagens missionárias de Paulo (cf. At 17–18), mas apresentaram características bastante distintas. Tessalônica destacou-se pela firmeza da fé em meio às perseguições (cf. 1Ts 1,6-8), enquanto Corinto enfrentou numerosos desafios relacionados à unidade, à moral cristã e ao exercício dos carismas (cf. 1Cor 1,10-13; 11,17-22; 12,1-31).

O estudo dessas comunidades e das cartas a elas dirigidas permite compreender melhor a vida da Igreja nascente e a riqueza da reflexão teológica paulina. Ao mesmo tempo, revela a permanente atualidade do Evangelho, capaz de transformar pessoas, culturas e sociedades em todas as épocas da história.

1. A COMUNIDADE DE TESSALÔNICA

Tessalônica era a principal cidade da Macedônia e uma das mais importantes do norte da Grécia. Conquistada pelos romanos em 146 a.C., tornou-se capital da província e recebeu posteriormente o privilégio de cidade livre. Sua posição geográfica favorecia o desenvolvimento econômico, pois estava situada junto ao Mar Egeu e ligada às principais regiões do Império pela Via Egnácia, importante estrada que conectava o Oriente ao Ocidente.

Como acontecia em muitos centros urbanos do Império Romano, sua população era formada por diversos grupos étnicos e culturais. Gregos, macedônios, romanos, trácios e judeus conviviam em um ambiente marcado pelo comércio, pela circulação de pessoas e pelo intercâmbio de ideias.

No campo religioso, coexistiam os cultos tradicionais gregos, o culto ao imperador e a religião judaica. Os judeus possuíam uma importante sinagoga, onde Paulo iniciou sua atividade missionária ao chegar à cidade (cf. At 17,1-2).

1.1. A fundação da Igreja de Tessalônica

Durante sua segunda viagem missionária, Paulo chegou a Tessalônica acompanhado por Silas, após sua passagem por Filipos (cf. At 16,11-40; 17,1). Conforme seu costume, dirigiu-se primeiramente à sinagoga e ali anunciou que Jesus era o Messias prometido pelas Escrituras, morto e ressuscitado para a salvação de todos (cf. At 17,2-3).

A pregação produziu frutos abundantes. Alguns judeus aderiram à fé cristã, juntamente com numerosos gregos simpatizantes do judaísmo e diversas mulheres influentes da cidade (cf. At 17,4). Entre os convertidos encontrava-se Aristarco, que mais tarde se tornaria um dos colaboradores mais próximos do Apóstolo (cf. At 20,4; Cl 4,10).

Entretanto, o crescimento da comunidade despertou a oposição de parte da liderança judaica. A perseguição tornou-se tão intensa que Paulo e Silas precisaram abandonar a cidade às pressas (cf. At 17,5-10). Inicialmente refugiaram-se em Bereia (cf. At 17,10-15), depois Paulo seguiu para Atenas (cf. At 17,16-34) e finalmente para Corinto (cf. At 18,1).

1.2. A perseverança da comunidade

Embora a permanência de Paulo em Tessalônica tenha sido relativamente breve, a comunidade mostrou extraordinária firmeza na fé. Os cristãos perseveraram mesmo diante das perseguições e das dificuldades que enfrentavam por causa do Evangelho (cf. 1Ts 1,6; 2,14).

Preocupado com a situação dos irmãos, Paulo enviou Timóteo para fortalecê-los e verificar como estavam vivendo sua fé (cf. 1Ts 3,1-5). O relatório trazido por Timóteo foi extremamente positivo. Os tessalonicenses permaneciam fiéis ao Senhor, conservavam o amor fraterno e recordavam com carinho a presença do Apóstolo (cf. 1Ts 3,6-10).

A fidelidade dessa comunidade tornou-se exemplo para outras igrejas da Macedônia e da Acaia, de tal modo que Paulo pôde afirmar: "A partir de vós a Palavra do Senhor propagou-se não só na Macedônia e na Acaia, mas por toda parte" (1Ts 1,8).

1.3. As Cartas aos Tessalonicenses

As Cartas aos Tessalonicenses são geralmente consideradas os escritos mais antigos do Novo Testamento. Elas permitem conhecer uma comunidade cristã ainda muito próxima dos acontecimentos fundadores da fé e testemunham a solicitude pastoral de Paulo por seus convertidos.

A Primeira Carta aos Tessalonicenses

A Primeira Carta aos Tessalonicenses foi escrita provavelmente em Corinto por volta dos anos 50-51 d.C., pouco depois do retorno de Timóteo da Macedônia (cf. 1Ts 3,6).

O texto possui um tom profundamente afetuoso. Paulo recorda o início da evangelização, agradece pela fidelidade da comunidade e reconhece os frutos produzidos pela ação de Deus em sua vida (cf. 1Ts 1,2-5). Os tessalonicenses são apresentados como modelo de fé, esperança e caridade (cf. 1Ts 1,3).

Um dos temas centrais da carta é a perseverança nas tribulações. O Apóstolo recorda que os sofrimentos fazem parte da caminhada cristã e que os discípulos devem permanecer firmes mesmo diante das perseguições (cf. 1Ts 2,14-16; 3,3-4).

Outro tema importante é a expectativa da vinda gloriosa de Cristo. Alguns membros da comunidade demonstravam preocupação com o destino daqueles que haviam morrido antes da Parusia. Paulo responde afirmando que os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro e participarão plenamente da glória do Senhor (cf. 1Ts 4,13-18).

A carta conclui com uma série de exortações práticas à vida cristã, incentivando a oração constante, a alegria, a gratidão e a docilidade ao Espírito Santo (cf. 1Ts 5,16-22).

A Segunda Carta aos Tessalonicenses

A Segunda Carta aos Tessalonicenses retoma muitos temas da primeira, especialmente aqueles relacionados à vinda do Senhor.

Alguns cristãos pareciam acreditar que o retorno de Cristo estava prestes a acontecer. Essa expectativa exagerada levava certas pessoas a abandonar suas responsabilidades cotidianas e a viver de maneira desordenada (cf. 2Ts 3,6-12).

Paulo corrige essa compreensão equivocada, ensinando que a história da salvação ainda possui etapas a serem cumpridas e que os cristãos devem viver vigilantes, mas também comprometidos com suas responsabilidades concretas (cf. 2Ts 2,1-12).

A carta insiste na perseverança diante das perseguições (cf. 2Ts 1,3-10) e convida os fiéis a permanecerem firmes na tradição recebida dos Apóstolos (cf. 2Ts 2,15).

2. A COMUNIDADE DE CORINTO

Corinto era uma das cidades mais importantes do mundo antigo. Reconstruída por Júlio César em meados do século I a.C., tornou-se capital da província romana da Acaia e um dos principais centros comerciais do Mediterrâneo.

Sua localização geográfica era extremamente privilegiada. A cidade possuía dois portos importantes: Cencréia, voltado para o Oriente, e Lequeu, voltado para o Ocidente. Essa posição favorecia um intenso comércio marítimo e atraía pessoas provenientes de diversas regiões do Império.

A prosperidade econômica gerava uma sociedade extremamente heterogênea. Comerciantes, marinheiros, artesãos, escravos, libertos e cidadãos romanos conviviam numa cidade marcada pelo dinamismo econômico e também por sérios problemas morais.

Do ponto de vista religioso, Corinto era um verdadeiro mosaico de cultos. Existiam numerosos templos pagãos, dedicados a diversas divindades, além de uma significativa comunidade judaica que possuía sua própria sinagoga (cf. At 18,4).

2.1. A fundação da Igreja de Corinto

Paulo chegou a Corinto durante sua segunda viagem missionária e ali permaneceu cerca de dezoito meses (cf. At 18,1-11). Inicialmente pregou na sinagoga, procurando convencer judeus e gregos de que Jesus era o Messias (cf. At 18,4-5).

Após enfrentar resistência por parte de alguns judeus, concentrou sua atividade missionária entre os pagãos (cf. At 18,6-8). Nesse período trabalhou juntamente com Áquila e Priscila, casal cristão que se tornaria importante colaborador da missão apostólica (cf. At 18,2-3).

A comunidade que nasceu em Corinto era composta sobretudo por pessoas simples. O próprio Paulo recorda que entre eles não havia "muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres" (1Cor 1,26). Havia também escravos e pessoas pertencentes às camadas mais pobres da população (cf. 1Cor 7,21; 11,21-22).

Apesar das diferenças sociais, todos eram chamados a formar uma única comunidade, pois "todos fomos batizados num só Espírito para formar um só corpo" (1Cor 12,13).

2.2. Os desafios da comunidade

A diversidade que caracterizava a cidade refletiu-se também na vida da Igreja. A comunidade possuía muitos dons e carismas, mas enfrentava igualmente numerosos problemas.

Surgiram divisões internas em torno de diferentes lideranças. Alguns afirmavam pertencer a Paulo, outros a Apolo, outros a Cefas e outros ainda a Cristo (cf. 1Cor 1,12). Havia conflitos relacionados à moralidade (cf. 1Cor 5,1-13), disputas judiciais entre os irmãos (cf.

1Cor 6,1-8), abusos nas celebrações eucarísticas (cf. 1Cor 11,17-34) e tensões ligadas ao exercício dos carismas (cf. 1Cor 12–14).

Foi precisamente para enfrentar esses desafios que Paulo escreveu suas cartas à comunidade.

2.3. As Cartas aos Coríntios

A correspondência de Paulo com os cristãos de Corinto não encontra paralelo entre as demais comunidades por ele evangelizadas. Nenhuma outra igreja recebeu tanta atenção pastoral do Apóstolo nem gerou um intercâmbio tão intenso de cartas.

Os estudiosos consideram que Paulo tenha escrito, no mínimo, cinco cartas aos coríntios. A primeira, atualmente perdida, é mencionada em 1Cor 5,9-13. A segunda corresponderia à atual Primeira Carta aos Coríntios. A terceira seria a chamada "carta das lágrimas", recordada em 2Cor 2,3-4.9 e 7,8.12. A quarta seria a atual Segunda Carta aos Coríntios. Por fim, alguns autores consideram que os capítulos 8 e 9 de 2Cor possam ter origem numa correspondência específica relacionada à coleta em favor dos pobres de Jerusalém.

Embora não exista consenso sobre o número exato dessas cartas, os escritos conservados no cânon bíblico permitem conhecer de forma privilegiada a ação pastoral de Paulo e os desafios da comunidade coríntia.

A Primeira Carta aos Coríntios

Escrita em Éfeso durante a terceira viagem missionária (cf. At 19,1–20,1), a Primeira Carta aos Coríntios procura restaurar a unidade da comunidade e responder às questões surgidas em seu interior.

Paulo denuncia as divisões que ameaçavam a comunhão e recorda que Cristo é o único fundamento da Igreja (cf. 1Cor 3,11). Trata de problemas morais (cf. 1Cor 5,1-13), do matrimônio (cf. 1Cor 7), das carnes sacrificadas aos ídolos (cf. 1Cor 8–10), da Eucaristia (cf. 1Cor 11,17-34), dos carismas (cf. 1Cor 12–14) e da ressurreição dos mortos (cf. 1Cor 15).

Particular importância possui a reflexão sobre os carismas. Paulo ensina que há diversidade de dons, mas o mesmo Espírito (cf. 1Cor 12,4-11). Contudo, acima de todos eles encontra-se a caridade,

apresentada no célebre hino ao amor (cf. 1Cor 13,1-13), considerado uma das mais belas páginas do Novo Testamento.

A carta culmina com a grande reflexão sobre a ressurreição. Cristo ressuscitou verdadeiramente e sua vitória sobre a morte constitui o fundamento da esperança cristã (cf. 1Cor 15,12-28).

A Segunda Carta aos Coríntios

A Segunda Carta aos Coríntios foi escrita provavelmente na Macedônia por volta dos anos 55-56 d.C., após Paulo receber de Tito notícias favoráveis sobre a reconciliação da comunidade (cf. 2Cor 7,5-16).

Trata-se da mais pessoal de todas as cartas paulinas. Nela, o Apóstolo abre seu coração e compartilha sofrimentos, alegrias, preocupações e esperanças.

Grande parte do texto é dedicada à defesa de seu ministério apostólico diante daqueles que questionavam sua autoridade (cf. 2Cor 10–13). Em vez de apresentar títulos humanos, Paulo aponta para seus sofrimentos pelo Evangelho e para a ação da graça divina em sua fraqueza: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10).

Outro tema importante é a coleta em favor dos pobres de Jerusalém (cf. 2Cor 8–9). Paulo apresenta a solidariedade como expressão concreta da comunhão entre as igrejas e convida os coríntios à generosidade, recordando que “Deus ama quem dá com alegria” (2Cor 9,7).

Ao longo da carta emerge uma profunda teologia da cruz. Paulo reconhece que carrega “um tesouro em vasos de barro” (2Cor 4,7), para que fique evidente que o poder pertence a Deus e não aos homens.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

O estudo das comunidades de Tessalônica e Corinto permite acompanhar dois momentos fundamentais da expansão missionária da Igreja nascente. Embora diferentes em sua realidade histórica, social e religiosa, ambas testemunham a força transformadora do Evangelho e a dedicação incansável do Apóstolo Paulo ao anúncio de Cristo.

A comunidade de Tessalônica destaca-se pela firmeza da fé em meio às perseguições (cf. 1Ts 1,6-8), pela esperança na vinda do Senhor (cf. 1Ts 4,13-18) e pela perseverança diante das dificuldades (cf. 2Ts 1,3-5). Já a comunidade de Corinto revela os desafios concretos da vida eclesial, marcada simultaneamente pela riqueza dos carismas (cf. 1Cor 12,4-11), pela necessidade da unidade (cf. 1Cor 1,10-13) e pelo primado da caridade (cf. 1Cor 13,1-13).

As cartas dirigidas a essas comunidades continuam sendo fonte privilegiada para a compreensão da vida cristã. Nelas encontramos ensinamentos sobre a fé, a esperança, a caridade, a ação do Espírito Santo, a comunhão eclesial e a expectativa da plenitude do Reino de Deus.

Assim, as comunidades paulinas não pertencem apenas ao passado. Elas permanecem como espelho e inspiração para a Igreja de todos os tempos, chamada a viver a mesma fé apostólica, a mesma comunhão fraterna e o mesmo ardor missionário que marcaram os primeiros discípulos de Jesus Cristo.